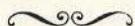


Págs.

30 — Candidato à redenção	108
31 — A campanha da Paz	112
32 — Um desastre	117
33 — Notícia de Jonas	120
34 — O mancebo rico	124
35 — Talidomida	128
36 — Carta singular	132
37 — Médiuns espíritas	136
38 — Decisão nas trevas	141
39 — Álbum materno	146
40 — O grupo perfeito	151



De início

Devotado amigo espiritual costuma dizer-nos que há livros-revelações, livros-tesouros, livros-bálsamos, livros-refeições, livros-venenos, livros-bombas.

Propomo-nos definir este volume como sendo prato inofensivo — lanche mental leve e simples —, aspirando a ser útil aos viajores da Terra, seja na travessia de pequenas dificuldades ou na indagação construtiva para a escolha de rumos. Ao alinhavar-lhe as páginas, no texto das quais reunimos, despretensiosamente, algumas sugestões e lições do cotidiano, não tivemos a menor preocupação de artesanato e nem qualquer intento de impressionar pelo manejo de citas e cincelados.

Aqui, neste punhado de crônicas humildes, encontrará o leitor amigo apenas o desejo de aprender com todos, na permuta de ideias e sentimentos que nos restarem as energias da alma, em ágape ligeiro, sem mergulhar, de modo profundo, nas realidades da vida.

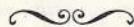
Em nos referindo a repasto breve nos valores do espírito, sem maior imersão no conhecimento superior, dir-se-á talvez que ignoramos o engano de Esaú, trocando com Jacob os direitos da primogenitura por uma tijela de lentilhas, atitude estouvada num caçador exímio qual o neto de Abraão, perfeitamente capaz de esperar pelos quitutes de Rebeca.

Cabe-nos declarar, formalmente, que não des-

consideramos, de maneira alguma, a necessidade do estudo e da meditação, diante dos problemas do Universo, que nos compelam ao trato dos livros-luzes; nós, porém, os homens desencarnados — companheiros e devedores da multidão terrestre, atormentada pela fome de paz e esclarecimento —, não podemos olvidar que Jesus, ante o povo exausto e doente, ensinou a verdade mas multiplicou também o pão.

IRMÃO X

Uberaba, 20 de Janeiro de 1964.



1

Mediunidade

No limiar do sono, Adelino Saraiva inquiria em prece:

“Senhor, por que motivo tanta indiferença dos homens, perante a mediunidade? Prodigios aparecem, maravilhas se fazem. A sobrevivência, para lá da morte, é matéria provada. Há mais de um século, Senhor, medianeiros inúmeros hão nascido entre os homens, entregando às nações constantes mensagens da vida eterna. Por que razão a distância entre a fé e a ciência? Não seria justo obrigar o poder humano a render-se? Porque adiar a padronização da energia mediúnica, através da qual os desencarnados se exprimam, de maneira inequivoca, compelindo os povos a reconhecerem a vida, além? Sob o crivo de mentes múltiplas, a mediunidade parece combater a si própria... Entretanto, Senhor, se controlada pela administração terrestre, indiscutivelmente proporcionará demonstrações matemáticas, afirmando-se em certezas irremovíveis, qual acontece à radiofonia e à televisão.”

Saraiva entrou em sonho e, como se fosse arrebatado de improviso, reconheceu-se em cidade enorme. Ele, médium abnegado, continuava médium;